

RESUMOS

Tarde / 16:00 – 18:00

1. Valéria S. Pereira

Dos romances do futuro (*Zukunftsroman*) a *Perry Rhodan*. O início da ficção científica alemã.

Quando se pensa em ficção científica, pensamos automaticamente na produção anglófona, sem considerar que o rápido desenvolvimento tecnológico da virada do século XX serviu de impulso criativo para narrativas de outros países. Concomitantemente com o desenvolvimento do gênero nas revistas *pulp* americanas, a Alemanha teve o seu próprio movimento de narrativas “futuristas”, os romances do futuro (*Zukunftsroman*), que foram igualmente publicados em revistas de baixo custo, os *Groschenhefte*. Como uma publicação popular, as histórias refletiam posicionamentos da época como preconceitos e um discurso fortemente belicista. Ao final da Segunda Guerra, houve um distanciamento natural do *Zukunftsroman* e a afiliação à ficção científica americana. Nesta fase, surge a bem-sucedida e longeva série de revistas *Perry Rhodan*, que, como será discutido nesta comunicação, se utiliza de uma suposta afinidade com a ficção científica americana para dar continuidade ao discurso belicista sem as implicações de ser um discurso gerado por veteranos alemães, como K. H. Sheer e Walter Ernsting.

2. Marina Naves

***A Modern Daedalus*: imaginando a guerra de independência irlandesa no século XIX**

Escrito por Tom Greer em 1885, *A Modern Daedalus* é um livro de ficção científica de fortíssimo cunho político que traz a ideia de autonomia da Irlanda em relação ao Reino Unido muito antes da ocorrência de eventos como o Levante da Páscoa. A obra de certo modo tenta antecipar a Guerra Anglo-Irlandesa, que de fato aconteceu apenas décadas depois. Assim, o objetivo deste trabalho é analisar como o texto imagina e especula esses conflitos vindouros por meio da entrada de um *novum* (o aparato científico criado pelo protagonista que permite às pessoas voarem e que abre a possibilidade de criação de um exército mortífero para aquela nação que o possuir) que se torna uma metáfora da independência em si, vista de maneiras diferentes para cada opinião política e filosófica.

3. Larissa Guevara Gomes Marques

As crônicas marcianas: a colonização de Marte e a formulação de novas guerras

A presente comunicação, abordando o livro “As crônicas marcianas” de Ray Bradbury, busca estipular reflexões sobre como uma possível colonização do planeta Marte se formularia por meio da perpetuação de guerras altamente destrutivas e tecnológicas. Dentro dessa perspectiva, o progresso, a perpetuação de políticas falhas e a ameaça da Guerra Nuclear são pontos centrais para poder conceber um Novo Mundo que iria se construir por meio dos mesmos problemas humanos que foram vistos no séculos XIX e XX.

Noite / 19:00 – 21:00

1. Melissa de Sá

Contar a guerra e reescrever a história em *Quem Teme a Morte*, de Nnedi Okorafor

Quem teme a morte, romance Afrofuturista de Nnedi Okorafor, desafia a perspectiva militarista tradicional associada à ficção científica ao propor a narrativa como única possibilidade de revolução. Em um Sudão pós-apocalíptico, a protagonista, Onyesonwu, marcada pela violência desde o nascimento por ser filha de uma mulher Okeke estuprada por um homem Nuru, inicia uma jornada através de seu país desolado por uma guerra civil de causas étnico-raciais. Inicialmente determinada a destruir os Nuru antes que estes destruam os Okeke, Onyesonwu entende a crueza da guerra e o poder da revolução narrativa que cria por onde passa. *Quem teme a morte*, assim, pode ser entendido como um romance sobre a possibilidade de que, ao narrar a guerra, seja possível reescrever a história. Usando recursos do Afrofuturismo ao mesclar fantasia e ficção científica, Okorafor discute as convergências e divergências entre narrativa e guerra.

2. Diego Moraes Malachias Silva Santos

Há esperança para as masculinidades?: uma análise do masculino saudável em *Star Wars*

Ao conduzir reflexões sobre padrões de masculinidade no universo canônico de *Star Wars* é difícil esquivar os olhos do personagem que se tornou ícone de jornadas de desvirtuamento e redenção: o duplo Anakin Skywalker/Darth Vader parece representar, respectivamente, o que há de virtuoso e corrupto nas masculinidades. Do lado do jovem Anakin ficariam figuras como seus sábios mestres Yoda e Obi-wan Kenobi, e ainda Han Solo, malandro, mas glamuroso e de bom coração. Essa estrutura de extremo dualismo, porém, é apenas a superfície de outros conflitos profundos na série. Jonathan McIntosh, em vídeos-ensaios sobre masculinidade em *Star Wars*, defende que a própria estrutura da ordem dos Jedi, por exemplo, engloba a institucionalização de modelos tóxicos de masculinidade. Anakin Skywalker torna-se Darth Vader não *apesar* das orientações de seus “mestres sábios”, mas justamente *por causa delas*.

Nessa comunicação busca-se averiguar a análise de McIntosh e investigar como outros personagens masculinos, em obras mais recentes da série, afastam-se dos padrões tradicionais de masculinidades nocivas. Kanan Jarrus e Ezra Bridger, na série animada *Star Wars Rebels*, por exemplo, são capazes de conciliar as agonias do combate bélico com ideais anti-Jedi, como amor romântico e afeto familiar. Ao centrar-se nas figuras de personagens representantes de masculinidades menos prejudiciais, este texto busca também auxiliar em questões teóricas sobre a dificuldade de representação de masculinidades não nocivas. Críticos como os autores de *Signs of Masculinities* reconhecem a dificuldade de perceber características positivas em personagens masculinos, já que o patriarcado funciona como “um obstáculo quase intransponível para críticos visando encontrar uma leitura positiva da masculinidade, já que homens têm sido historicamente categorizados como opressores”. Ao traçar uma breve comparação entre dois modelos opostos de masculinidade, este texto propõe-se a enxergar além do dualismo moral do universo *Star Wars* e sugerir como os conflitos da série podem ser palco tanto para o pior que há nos homens quanto para o melhor.

3. Amanda Pavani

A hiper-realidade da propaganda de guerra em *Mockingjay*, uma distopia YA

No volume que conclui a trilogia *Hunger Games*, o romance *Mockingjay* (2013), de Suzanne Collins, aborda a guerra civil dentro do país de Panem. Para erodir o apoio restante ao tirano da Capital, o Presidente Snow, a líder da oposição usa a protagonista dos livros anteriores, Katniss, de forma simbólica. A produção das propagandas de guerra, a transformação da pessoa Katniss no símbolo *Mockingjay* e o efeito dessas peças de propaganda na população causam um efeito de simulacro sobre a imagem da personagem, pois muito do progresso da guerra está ligado à eficácia ou falta dela em sua performance; além disso, muito do debate ideológico entre Capital e rebeldes passa pela percepção do público das várias imagens de Katniss desde que ela entra para os jogos no primeiro volume. Essas propagandas causam um debate hiper-real da guerra, deslocado de quem Katniss é e das intenções dos rebeldes. Porém, percebendo o funcionamento simbólico de sua persona como *Mockingjay*, Katniss é capaz de identificar os processos de espetáculo na guerra simbólica por Panem, revelando a líder rebelde, Presidente Coin, como outra face da violência estatal que outrora era exercida por Snow. Este trabalho delineia o processo de sublimação da pessoa Katniss para a persona *Mockingjay*, com a teoria de Jean Baudrillard sobre o simulacro, indicando os paralelos entre os inimigos de guerra na semelhança de seus métodos e na sua valorização do espetáculo na mediação da opinião política, com base na teoria de Guy Debord sobre instrumentos de fetichização na mídia.

Dia 13/06, quinta-feira

Manhã / 10:00 – 11:20

1. Denise Borille de Abreu

Do mito à guerra: Representações míticas de mulheres em narrativas de guerras

A participação de mulheres em guerras, direta e indiretamente, tem sido objeto de estudo de narrativas de guerra desde a Antiguidade Clássica. A presente comunicação busca analisar o papel significativo das representações de mulheres na construção do imaginário das guerras, a começar pela mitologia grega, estendendo-se até o início do século XX, quando a Primeira Guerra foi declarada. Esta fala aponta, ao final, para como algumas narrativas femininas inglesas da Primeira Guerra resgataram tais representações e mitos e, ao mesmo tempo, abriram terreno para a reconfiguração de papéis sociais femininos e masculinos em conflitos bélicos.

2. Fernanda Sousa Carvalho

Uma história alternativa para o Haiti pós-revolução: "The Efluent Engine", de N.K. Jemisin

Em seu conto "The Efluent Engine" (2010), a premiada escritora afro-americana N. K. Jemisin imagina uma história alternativa na qual a Revolução Haitiana deu origem a uma nação de tecnologia avançada e normas sociais igualitárias. Trata-se de um steampunk ambientado no século XIX, em que uma espiã haitiana, Jessaline, filha do próprio herói da revolução, Toussaint L'Ouverture, busca a ajuda de engenheiros crioulos de Nova Orleans para projetar e construir uma máquina capaz de extrair gás metano de rejeitos da produção de rum. Com essa invenção, o Haiti seria capaz de abastecer sua avançada frota de dirigíveis e seus armamentos de forma menos dispendiosa, mantendo-se assim firme contra os ataques da França, que continua tentando retomar seu poder sobre o país e escravizá-lo novamente. Este trabalho busca analisar como detalhes da história oficial da Revolução Haitiana se misturam aos elementos criados por Jemisin para imaginar um país pós-revolução que se torna um exemplo da capacidade política e intelectual dos negros. "The Efluent Engine" especula como seria o Haiti se o projeto revolucionário de um país bem-sucedido, livre do domínio francês e da escravidão, não tivesse sido destruído pelo isolamento político e econômico ao qual foi submetido após sua independência.

Tarde / 14:00 – 15:20

1. Elcio Cornelsen

Guerras no romance de ficção científica *Montanhas, mares e gigantes*

Nossa contribuição visa a uma análise da representação de guerras no romance *Montanhas, mares e gigantes* (1924, título original: *Berge, Meere und Giganten*), do escritor alemão Alfred Döblin. Trata-se de uma obra de ficção científica, cujo enredo se passa do século XXIII ao século XXVIII. Em nossa análise, a atenção recairá, sobretudo, na Guerra dos Urais (*Uralischer Krieg*), no século XXVII, que coloca em perigo a estabilidade geopolítica entre Ocidente e Oriente, alcançada no século XXIII.

2. Marcela de Oliveira e Silva Lemos

Refúgio e colapso de fronteiras em *Exit West*, de Mohsin Hamid

Em *Xenia*, uma das coletâneas de ensaios e entrevistas da iniciativa Campus in Camps, Diego Segatto afirma que, no século XXI, vivemos um momento paradoxal de nossa história, no qual “fronteiras nunca estiveram tão abertas e tão fechadas ao mesmo tempo” (2017, p. 139). Segatto explica que “ao combinar a relativa abertura das fronteiras e a infraestrutura de transporte em escala global, talvez nunca tenha sido tão fácil se mover pelo planeta para grandes números de pessoas, mas não para todas” (2017, p. 139). Se viajar em um mundo interconectado é mais rápido, seguro e barato que em tempos antigos, ao longo de sua história, as nações desenvolveram também mecanismos para controlar mobilidades e determinar quem tem direito a elas. O recente romance *Exit West*, de Mohsin Hamid, se insere nesse debate ao contar as histórias de refugiados de guerras que escapam de sua violenta realidade ao passar por portas que, súbita e aleatoriamente, se tornaram portais para diferentes partes do mundo. Apesar de serem mais fantásticas que propriamente científicas, as portas de *Exit West*, ao exagerar as mobilidades, expõem a fragilidade e arbitrariedade da organização do espaço mundial em fronteiras nacionais, diante do desenvolvimento tecnológico e de seus impactos culturais na contemporaneidade.

Tarde / 16:00 – 18:00

1. Tom Burns

Joe Haldeman's Allegory Vietnam and the Stars

This paper discusses an allegorical reading of the novel *The Forever War* (1975), by Joe Haldeman, a Vietnam War veteran (1965-1975), the longest war in US history. The novel describes a war that spans over a thousand years against aliens, focusing, in a similar way to fiction written about Vietnam, on American soldiers and their problems during the war and their

issues readjusting to civil life. There are several parallels to be drawn between the war in Southeast Asia that are reflected on the fictitious space war.

2. Tavos Mata Machado

“Anything’s possible when you’re unstuck from time”: War and Time Travel in Three American Science Fiction Novels

Time travel has been a staple of science fiction narratives since the early days of the genre, with the publication of HG Wells’s “The Time Machine” in 1895, and is still one of the most recurring plot devices employed by science fiction authors – as seen in the recent super hero blockbuster “Avengers: Endgame” (2019). As is to be expected, the topic of time travel has not escaped the analytical eye of scholars and theorists of Science Fiction, from Suvin, Lem & Hoisington’s “The Time-Travel Story and Related Matters of SF Structuring” (1974) to more contemporary debates such as William Burling’s “Reading Time: The Ideology of Time Travel in Science Fiction” (2006), Elana Gomel’s “Shapes of the Past and the Future: Darwin and the Narratology of Time Travel” (2009) and René Thoreau Bruckner’s ““Why did you have to turn on the machine?”: The Spirals of Time-Travel Romance” (2015). However, there is no dedicated study to the use of time travel as a narrative device in science fiction narratives of war. The present paper intends to fill that gap by departing from the authors previously mentioned to investigate three different American sci-fi novels set in wars: Kurt Vonnegut’s *Slaughterhouse Five* (1969), Joe Haldeman’s *Forever War* (1974) and Kameron Hurley’s *The Light Brigade* (2019). The discussion of these novels will show how, in war narratives, time travel does not only work as a narratological device, a psychoanalytical metaphor or a spatializing feature – as proposed by other authors –, but also as a metaphor for political agency, or the lack thereof.

3. Flávia Rodrigues Monteiro

"We Band of Rebels:" Transmedia Reflections on *Star Wars*

More than an invention of the human mind, some fictional wars are reflections of actual events, providing food for thought on history and art. The SF Saga *Star Wars* covers the conflict of the Rebellion against the tyrannical dominance of the Galactic Empire. It is not hard to see parallels with actual conflicts between guerrilla forces and “proper” armies. In a recent cinematic revival, a new *Star Wars* trilogy has been released along with side films that deal with punctual parts of the story. One of these films, *Rogue One* (2016), can be easily classified as a war film. The sci-fi aesthetics shares the screen with references that extend from the Shakespeare’s *Henry V* to

contemporary war films such as *Platoon* (1986) and *Apocalypse Now* (1979). The fact that these referential works were also inspired by actual conflicts – the Battle of Agincourt and the Vietnam War – corroborates the construction of the bridge between fiction and fact. Ultimately, *Rogue One* illustrates the flexibility of film as an intermedial product that may contain layers over layers of references both to history and arts, with the potential to raise awareness of the audiences regarding the power relations that incite some wars.